



# Gaiato

AVENCA

Quinzenário \* 24 de Abril de 1976 \* Ano XXXIII — N.º 838 — Preço

**Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes**

Fundador: Padre Américo

Director: Padre L

## Vitória do Homem

*«Façamos todos um acto de fé na grandeza do Homem, obra prima das mãos do seu Criador.»*

PAI AMÉRICO

Quando este número de «O GAIATO» estiver a circular estaremos a dois passos das eleições, acto a que ninguém, sem motivo forte e ponderado, se poderá eximir sem trair os seus sagrados deveres cívicos. O futuro constrói-se no presente e a apatia ou o egoísmo do desinteresse pelos problemas fundamentais dos homens não se coadunam com o sentido dinâmico da solidariedade que a todos envolve e responsabiliza. Votemos, pois, em consciência.

Acabamos de celebrar os Mistérios do Libertador Universal. É à luz deles que os cristãos deverão formular as suas opções, na certeza de que a libertação não corresponde a um estado adquirido mas a um processo ou caminhada, que só atingirá o seu cume no fim dos tempos. Escolher os responsáveis pelos negócios públicos deve ser, pois, «um acto de fé na grandeza do Homem», sujeito e objecto da sua própria História. «Foi para a liberdade que Cristo nos libertou», (Gal. V, 1); logo, a vocação do Homem é a de Cristo, restaurando a humanidade em cada qual e rejeitando toda a espécie de escravidão.

Queremos uma sociedade mais justa e fraterna, onde todos possam ser senhores de si próprios, sujeitos de deveres e de direitos, sem discriminações de quaisquer espécies e onde as opressões não tenham lugar. Desejamos um mundo onde as desigualdades sejam abolidas e o medo e o ódio afastados. Aspiramos por um clima de respeito e de diálogo entre todos os indivíduos, dado que, se «a verdade não se enfeita nem se desgasta», como diria Pai Américo, devem estar sempre presentes o respeito e a tolerância. Bate-mo-nos, dum modo particular, pelos mais fracos e desprotegidos, por culpa própria ou alheia. Em suma, mais de que em homens votemos no Homem, «obra prima das mãos do seu Criador».

Para finalizar, coroando as ideias atrás expressas, diremos qual o objectivo pretendido, fazendo nossas as seguintes palavras de Pai Américo, que são também as de «O GAIATO»: «Deus de infinita Justiça, a vitória não é das Direitas, nem é das Esquerdas, nem é das Leis, nem de ninguém. Nem jamais terminará a pugna, enquanto se não der a cada um aquilo que lhe pertence; e então, mas só então, teremos ganha a vitória». Um Mundo melhor, sem verborreias, explicitaremos nós.

Passou a Quaresma. Foi a Páscoa. Mas a doutrina da Cruz é quotidiana.

«Quem quer vir após Mim, tome a Cruz e siga-Me». Até onde?... Sabemos: a Casa do Pai. Até quando?... Também sabemos: o derradeiro suspiro.

Enquanto o discípulo vive, a Cruz é companheira inseparável. Não é ele mais que o Mestre, que no entardecer daquela sexta-feira, véspera da grande Festa, foi descido dEla e sepultado. Na madrugada do terceiro dia ressuscitou. Vivo já, foi que Ele deu o sentido definitivo à velha Páscoa judaica: passagem do cativo à libertação. A nova Páscoa é a libertação do Homem das dúvidas da vida, o atingir da certeza da Vida: pela posse consumada; ou no estado de purificação irreversível que a Ela conduz.

Dúvida e contingência são para o Homem o cerne do madeiro que pesará sobre os seus ombros, desde que assumiu a consciência até perder para sempre os sentidos neste mundo. Certeza e necessidade a causa da sua felicidade: mesmo

## DOCTRINA

nas contradições da vida; no resto de sofrimento além da morte.

Feliz o que crê — que a Fé é certeza. Feliz o que espera — que a Esperança é da espécie e tem o sabor da posse. Para ele tudo é trânsito: aqui e agora, por vezes em trevas, sempre no risco; depois, já no alvorecer da Luz, na expectativa serena do Dia pleno que aí vem. Aqui e agora, a Cruz é o bordão que apoia o homem na sua fraqueza e lhe permite tactear o caminho e evitar o passo em falso que o lançará no abismo.

Por isso Ela é objecto do seu amor, digna, mesmo, de se tornar a sua paixão — o sinal certo dAquele que vai adiante e os olhos não vêem mas o coração pressente. Segui-LO é a única garantia de caminhar para o Fim definitivo a que a nossa natureza foi chamada: «vós sois deuses —

e a Escritura não pode ser gada». Perante a Eternidade conta o transitório?! Tão c como ser zero o cociente finito pelo infinito!

Feliz o Homem que crê e espera... e ama, racional e etivamente, o instrumento sobre-elevação a que foi mada a sua natureza!

Foi chamada... Tudo é d Mas a fecundidade do dom pende do acolhimento do mem. A sua liberdade é dição frontal e fundamento seu mérito. E este rea-se na aceitação das co quências transitórias do o levar a Cruz na sequênci Cristo — nossa parte no p do Fim definitivo a adq

Maravilhoso o respeito Deus pelo Homem! Pai, não paternalista. Oferece e põe-Se à recusa. Indispens a colaboração do Homem,

Cont. na QUARTA

## FESTAS



É um tema dos últimos meros de «O GAIATO». At pouco, sobre programação, saios, marcação e lembrança dias nas casas de espectáculo. Agora, vamos começar a di são!

Os rapazes continuam a fados na preparação do ei e do programa que todos julgamos será do vosso ag,

Os nossos Amigos sabem feitamente que as Festas muito trabalho, tiram-nos m horas de sono e descanso, ex muito sacrifício. Porém, as seiras são recuperadas em cheias, onde recebemos m carinho e muita amizade. T muitas provas disso, nas úli Festas. Mas não chega. É pr que nós, os gaiatos, saib corresponder, levando at das Festas, mensagem de p amor — o que neste mon falta aos homens.

As Festas têm um papel portantíssimo na nossa vida uma ajuda na formação mo social dos artistas.

No entanto, os êxitos riores são pretexto para, ano, levaremos a mais terras

Cont. na QUARTA

# PELAS CASAS DO GAIATO

## Paço de Sousa

**ELEIÇÕES** — Foi no sábado, dia 3 de Abril, que decorreram as eleições para o novo chefe maior.

Claro está que antes, coisa de 3 ou 4 dias, todos souberam e pensaram no assunto, a fim de cada um poder escolher o seu chefe preferido.

Foram eleitores todos os de 14 anos com um ano de Casa e a 4.ª classe feita.

Houve dois escrutínios. Eis como ficou o 2.º: «Coradinho», 11 votos; Mário, 16 votos; Zé Manuel, 10 votos; Tinoco, 4 votos; «Eusébio», 22 votos.

Como vêm o encargo coube ao «Eusébio». Vamos ver se o ajudamos nas suas horas difíceis porque nós dependemos dele e ele depende de nós. Decerto, o cargo que o «Eusébio» irá suportar não agradaria a nenhum de nós, e muito menos se não fôssemos ajudados e animados.

Não, nós só seríamos capazes de construir algo valioso, quando sentíssemos apoio, aquele apoio firme e leal, e não um apoio escondido e acobardado.

Nós somos para o chefe e o chefe é — tem obrigação de ser — para nós. Vamos todos, se queremos que tudo nos corra bem, ajudá-lo. Ele, só, não pode encarar todos os problemas que se lhe deparam.

Não esqueçamos as palavras do antigo cronista «Fidalgo». «O que importa será o chefe ser amigo dos Rapazes e os Rapazes bem amigos dele».

O «Eusébio» está em nossa Casa há cerca de 10 anos e é um cidadão oriundo da Guiné.

Rapaz calmo, tem certamente qualidades para suportar um cargo pesado.



Jorge Alvor, «Eusébio», o chefe maior eleito pela nossa Comunidade.

Neste momento conta 18 anos de idade.

Como vêm, em nossa Casa não existe racismo. Não nos importa a cor da pele mas sim a capacidade moral.

Verdade se diga, ele é calmo demais; e, por isso, temos receio que não consiga, por vezes, resolver certos problemas, tendo nestes primeiros dias de ser bastante ajudado.



Mário, o sub-chefe.

Desejamos que a Comunidade o ajude.

E felicidades em tão pesada tarefa que inesperadamente lhe coube.

**GRILLOS** — Como é costume, todos os anos temos caça, mas caça rija.

Este ano, já houve quem se debruçasse sobre tocas para apanhar os ditos cujos. Três ou quatro com a sua caixinha de grilos.

Tive ocasião de ver o nosso «Gordo» e fiz-lhe uma série de perguntas:

— Quantos grilos tens?

— Tenho três; um com asas que canta, e dois sem asas, ainda novitos, que não cantam.

— Onde os caçastes?

— Nos campos novos.

— Não sabes que não se pode ir para lá?

— ...!?!...

— E agora que vais fazer com os dois que ainda não cantam? Vais esperar que eles cresçam na própria caixa?

— Não, eu vou deitá-los à vida e irei à caça de outros, mas esses com asas.

— Olha; e o comer onde o vais buscar?

— Eu... ali na capela.

— Ai P.e José Maria, tanto trabalho na poda!

— Onde pensas ir caçar mais? Para os campos novos?

— ...!?!...

— Não dês cabo das batatas, senão ficas com a carta de caça aos grilos cancelada.

**VISITANTES** — Como o tempo está a aquecer, há uma certa vontade de sair de casa.

Muitos dos nossos Amigos escolhem, e muito bem, alguns dos lindos recantos da nossa Aldeia.

Por essa razão, temos sido visitantes.

**GADO LANÍGERO** — Temos duas lindas ovelhas e um carneiro.

Vai ser o começo do nosso rebanho. Irá pastar para a nossa mata de Calves, para onde um dos nossos rapazes irá morar.

Teve o sonho de querer viver isolado, longe de vícios humanos e não há quem o contradiga. Como irá para

lá aproveita para se distrair com o gado.

**FESTAS** — Este ano a Festa está a cargo dos nossos colegas de Miranda do Corvo. Para o ano seremos nós, os de Paço de Sousa.

Iremos assistir à Festa no Coliseu do Porto, dia 6 de Maio.

Vamos a ver se isso nos dá ânimo para que p'ró ano possamos fazer a nossa, mesmo sem ensaiador, o melhor possível.

Para o ano não faltaremos!...

«Marcelino»

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● As comunidades não dão fé; tão pouco avaliam, com justiça, a miséria recolhida — a mais dolorosa.

Cruzamos com ela todos os dias, do nascer ao pôr-do-sol, na cidade ou no campo.

Quando, casualmente, descobrimos esses calvários que sangram, rastejando muito tempo de cabeça erguida, é certo e sabido: «Não diga nada! Temos vergonha...!» Cumprimos sempre, religiosamente.

Mais; em determinados meios, como nas zonas rurais por exemplo, se dessem fé de algumas acções deste género seriam capazes de injuriar o Pobre; e o recoveiro na sua ilharga!

O mundo acredita nas aparências. Dificilmente nas realidades escondidas sob a capa de lindos trapos, de face lavada com água e sabão; e alguma «maquillage» à mistura. Só lhe interessa a mão estendida, o público atestado de pobreza-miserável. A discriminação!

● A velhice, a viuvez, a doença são calvários nossos, a quem damos a mão todos os dias; vítimas de injustiça ou justiça deficiente, quase a mesma coisa.

Caso estudado, o recoveiro não cruza os braços. Trairia a sua missão. Claro, não vai à praça pública fazer comícios, nem às manifestações com palavras d'ordem. Não vai bajular caciques. Vai, sim, direitinho ao médico. Levanta o penso, mostra a ferida e o pús, pede o remédio, mesmo que ela, a ferida, pareça já não ter cura. Faz, então, um acto de fé, aviva a esperança e bate o pé com firmeza; palavras duras, pela força da própria injustiça que sangra.

Não somos, nunca fomos, apologistas da caridadezinha, da esmolinha, das bichas de mão estendida; de outras formas e processos de fazer dos Pobres cidadãos de segunda. Não! Não foi (é) isso que Pai Américo nos ensinou(a). Primeiro, Justiça! E, depois, se ela for insuficiente, o complemento por nossas mãos, discretamente, na casa do Pobre.

● Atendemos mais uma Viúva. Outro caso típico, de centenas, talvez milhares por esse País fora, incapaz de requerer, ou procurar

saber dos seus direitos ou regalias prescritos na Lei. E que aos Serviços não se lhes dá que seja viva ou morta, passe ou não fome, seja ou não letrada; *respeitam* a Lei e as suas omissões ou de quem a redigiu sem tarimbar por lá, entre os Pobres.

A pobre Viúva desfiou, em pome-nor, quase vinte anos de vida áspera, difícilíssima, com os olhos humedecidos; em contraste com a sua mocidade risonha e feliz: após a morte do marido, criou os filhos só com o produto da força dos seus braços; apagou-se; come o pão seco da viuvez com sangue, suor e lágrimas. Agora, está arruinada, precocemente envelhecida!

Estudámos o caso. Seguimos a *via crucis* da papelada, da base à cúpula; até um Serviço de apoio oficial, que ela abordou pessoalmente, enquanto não haja decisões concretas. E aqui, até ver, nada: «Temos muitas dificuldades»; de «guita», acrescentou ela com simplicidade.

Esperamos a última palavra das instâncias competentes. É que se as Viúvas cujos maridos trabalharam nas empresas privadas têm direito a *pensão de sobrevivência*, ao abrigo da Previdência, com igual razão nos Serviços públicos, ainda que o homem haja sido, como foi, uma data de anos «assalariado» da função pública em uma das ex-Colónias.

Falámos, também, a um delegado do IARN, apesar do caso não ser das suas atribuições. O cavalheiro explodiu:

— Escreva o... e o..., que precisam de saber destes problemas. Há muita gente assim, que veio de lá!...

— Já seguimos essa pista. Aguardamos instruções.

— Isso é preciso que se saiba!...

A bicha de rabiari anda por lá, a fazer lume nas secretarias.

Vamos a ver. O Estado tem obrigação de cumprir primeiro o que exige aos outros. Em face da Moral e do Direito.

P. S. — A última hora, e num órgão da Imprensa diária, lemos que os requerimentos de *pensão de sobrevivência* para Viúvas ou descendentes de funcionários das ex-Colónias estão isentos de prazos. Já é um passo! Vamos ver os outros; as toneladas de papel e o tempo que estas coisas demoram, com a *eficácia* da nossa *burocracia aguda*.

**PARTILHA** — Não há problema levantado discretamente, como deve ser, que não venham logo, logo, ressonâncias com muito carinho e amizade! Graças a Deus.

M. A., de Lisboa:

«Só duas linhas, desejando as melhores bênçãos de Deus e muita saúde.

Acabei de ler as «Notícias da Conferência» e aqui vai uma migalhinha... Deus os ajude e inspire todos os homens no Seu Amor.

Com muita amizade...»

Mais 100\$00, da capital e uma advertência: «Peço-vos o anonimato».



É o Manuel António e a Lourdes, casadinhos de fresco.

O mesmo do Porto, assinante 11162, pedindo *«perdão da minha demora, pois já há uns tempos não tenho dado a minha modesta ajuda, por falta de saúde»*. Idem, de Mafra. Idem, de Carvalhosa — Coimbra.

Metade de algures — e um desabafo:

«Desculpe esta pequenina insignificância — 50\$00. Bem gostaria de enviar mais e mais, mas a pensão de reforma, após 33 anos de trabalho árduo, em África, é muito pequena, além de andar atrasada, como já vinha há anos, mas actualmente muito mais...»

Deus nos ajude e tão necessária é a Sua protecção para este desmantelado e infeliz Portugal. Creiam-me com simpatia...»

Do centro de Portugal, uma presença muito amiga. Mais 100\$00 de Brasília.

Uma carta cheia de Vida, da Amadora:

«Li no «Famoso» que uma heróica filha deixara tudo para tratar dos pais entrevados.

Para ela envio uma pequena lembrança, pedindo a Deus que continue a ampará-la, pois a dedicação dos filhos pelos pais cada vez é mais rara!...»

Mais uma presença amorosa de Vancouver — Canadá, com uma delicadeza ímpar. É um rico foliar!

Outra nota de 100\$00, de Braga. Amigos de D. António Barroso, a presença habitual: 20\$00. Perseverança; e respeito por uma grande figura da Igreja!



Naugatuck, U. S. A.:

«(...) Envio 5 dólares para os Pobres que mais precisarem, agora na Páscoa, em especial aos velhinhos que não têm família que os acarinhe no último período da vida. Não é muito, eu bem sei, mas voltarei mais vezes se Deus quiser. Esta é uma resolução quaresmal. E que o Senhor a receba por alma dum ente que me levou e tanta falta me faz.

Perdoem o desabafo e que Deus nos proteja no bom caminho. Oxalá o dinheiro chegue ao seu destino. Sou uma assinante de «O GAIATO».

Mais 100\$00 da assinante 17022, «para o mais necessitado». Metade de velha Amiga da Murtosa. Lisboa, 20\$00, da rua Alexandre Herculano. Viseu, 100\$00, em vale registado. Porto, 250\$00, da rua Santo Ildefonso. Outro vale do correio, agora de 500\$00, para dois casos referidos e «que sirva para aliviar os padecimentos» dos Pobres.

Finalmente, a presença espiritual de um Vicentino lisboeta:

«É sempre ansioso que aguardo «O GAIATO». Chegou hoje. Para mim assemelha-se àquele tesouro, de que fala o Evangelho, donde o pai de família tira coisas novas e coisas velhas.

Desta vez a «coisa nova» é a grande lição de amor filial, que roça pelo heroísmo, daquela filha que não hesitou; acima do seu interesse próprio estavam os Pais a quem, depois de Deus, devia a vida. Sublime exemplo de abnegação. É destas almas simples que é, na verdade, o Reino dos Céus!

Para, de qualquer forma, gozar da sua companhia, envio uma pequena remessa marcando a minha presença entre eles. Agradeço a Deus esta oportunidade de valorizar a minha Quaresma.

Rogo uma oração pela nossa Pátria e por minhas filhas.

Um abraço...

Júlio Mendes

## Lar de Lisboa

MENDICIDADE — Torna-se relativamente difícil escrever determinado assunto para um jornal com uma periodicidade de saída como o nosso. É isso porque muitas vezes os assuntos têm uma actualidade notável ao serem redigidos, mas já a perderam quando são ou aparecem publicados. Daí que tenhamos de nos sujeitar à desactualização ou então a usar numa certa dose de profetização.

O assunto que vos trago era premente e actual no princípio de Abril. Certamente não sofreu uma desactualização neste curto espaço de tempo. Seria bom que isso tivesse acontecido.

Trata-se da mendicidade.

Com a Revolução um novo horizonte brilhou para os portugueses de várias idades e de diversas classes. Passado pouco tempo muitos males se prometeram solucionar. Daí que, muito naturalmente, se tenha previsto que os mendigos iriam diminuir ou mesmo desaparecer. Não através da repressão, antes das soluções possíveis que se adivinhavam pelos planos traçados.

Porém, com o andar dos tempos, acabámos por verificar o contrário. Eles começaram a invadir as ruas da capital. Sentados nos portais ou deitados nos passeios em pontos de maior afluência. Têm uma caixa dependurada ao peito, mostram os mem-

# POBRES

Um telegrama da «France Press», oriundo de Genebra, a propósito de um estudo sobre a Pobreza publicado pelo Bureau Internacional do Trabalho, chamou-nos a atenção.

Jornais houve, intérpretes da ansia de Justiça das maiorias, que deram merecida caixa à notícia. Um título: «ANO 2000 — TALVEZ O FIM DA POBREZA».

Talvez...

Diz o telex:

«Todos os países do Globo poderão vencer a Pobreza daqui ao ano 2000, se fizerem incidir os seus esforços prio-

rios defeituosos ou a falta destes. O cartão desta ou daquela doença incurável que os invalida. Outros apresentam no colo os filhos de tenra idade como processo mais forte para prender a atenção dos transeuntes e despertar no seu íntimo uma réstea de compaixão e solidariedade expressas na moeda que se lhes atira.

Mas quantas vezes é que nós paramos para partilhar do seu flagelo? Não para dar um simples donativo porque isso ainda que atenua o sofrimento, não resolve o problema. No outro dia ele estará logicamente a pedir outra vez. Eles são pessoas como nós, diferentes na sorte, ou vítimas, mais do que cada um de nós, das injustiças dos homens. É lamentável que os Pobres existam no nosso mundo de hoje.

Deste modo é posta em causa a justiça social tantas vezes trocada pelos interesses económicos, políticos ou sociais de cada um.

Poderemos objectivar que este estado de desgraça tem muito a ver com o sistema político adoptado. Sim, no momento presente existem muitos irmãos nossos em estado deplorável motivado pelas demissões das responsabilidades ou pelos processos «ad-hoc» de solucionar situações. Já por certo se aperceberam que me refiro aos refugiados de África. Aos refugiados pobres, evidentemente. Os oriundos de Angola, Moçambique etc., que foram expoliados dos seus bens e viram as suas vidas destroçadas por não terem sido devidamente salvaguardados os seus direitos por aqueles que tinham a obrigação estrita de os defenderem.

Muitas soluções são apresentadas como possíveis para findar com a «Classe dos Pobres», mas tudo fica pela teoria. Isto porque falta a vontade em cada um de nós ou porque os organismos mais directamente responsáveis não criam sistemas eficazes para extermínio da miséria deste País. Da que está à vista e que nos deve envergonhar, porque muita há que se mantém em silêncio e que também merece uma solução.

Creio que já vai sendo tempo de se manifestar quem realmente defende os interesses dos portugueses mais desfavorecidos. Já é tempo de estar feita uma revisão das estruturas e de terem sido eliminadas as injustiças. Esta sociedade não pode continuar indiferente a tão grave problema. De que se está à espera? Não é assim que se constrói!

Jorge Cruz

ritariamente sobre a satisfação das necessidades essenciais dos Pobres.»

Por outras palavras, os técnicos afirmam que, infelizmente, por esse mundo fora, a ordem de prioridades tem sido (e continuará a ser?) muito diferente ou preterida!

Continuemos:

«O estudo considera que em 1972, setecentos milhões de pessoas encontravam-se na miséria e sofriam de subnutrição aguda; e recomenda uma «nova estratégia do desenvolvimento baseada na supressão das desigualdades mais chocantes».

Desde que procedam a certas mudanças estruturais—redistribuição do rendimento e da propriedade, reforma fiscal, etc.—os países em vias de desenvolvimento podem atingir os seus objectivos económicos e sociais fundamentais até ao ano 2000, com taxas de crescimento realistas, de 6 a 8%

por ano, considera o B. I. T.; não se procedendo a essas mudanças estruturais, serão necessárias taxas de crescimento de 9 a 12% para atingir o mesmo objectivo.

O estudo — intitulado «O emprego, o crescimento e as necessidades essenciais» — salienta que o número dos Pobres e dos analfabetos aumentou nestes últimos anos nos países em vias de desenvolvimento, apesar dum crescimento económico rápido; e mostra, preliminarmente, que, nesses países, um décimo das famílias mais ricas recebe 40% do rendimento total dos particulares. No outro extremo, dois décimos das mais pobres recebem apenas 5%»

É preciso que o mundo saiba estas verdades nuas e cruas, pela mão dos técnicos. O maior escândalo da Humanidade: setecentos milhões de Cristos sofrem, a seu modo, 1976 anos depois, a Paixão e Morte de Cristo!

Júlio Mendes

# Calvário

Hoje, alguém que sabe do posto onde o meu viver de padre tem sido, em grande parte, gasto, com ares de muita admiração e estima, veio dizer-me que o Calvário precisa realmente de mim. Estremeci com tão inesperada sentença. Achei que aquelas palavras soavam a blasfémia. Como se o homem fosse preciso para alguma coisa nas obras de Deus. Nestas ninguém faz falta. Ninguém é indispensável, nem insubstituível.

Eu é que preciso do Calvário para ser mais eu mesmo. O que não tenho crescido e aprendido aqui com os Doentes! Aprendido com o seu viver e sentir! Quanto eles não me têm feito crescer na Fé, na Esperança e no Amor!

Estas vidas escondidas a apagarem-se dolorosamente, mostram-me a Pessoa de Cristo, que hoje continua a sofrer... É Ele quem aqui está presente. Todo o mistério do Calvário aqui se prolonga. Este Calvário é uma página viva do mistério de Cristo redentor.

Estas vidas tão serenas diante da enfermidade, da doença incurável, tão certas da morte e do Além, onde irão encontrar-se com Cristo, falam-me calmamente da Esperança, como a grande força que gera optimismo, alento, fortaleza.

Estas vidas, tão desprezadas dos homens, a maioria das quais nunca tendo conhecido o amor dos homens e, por isso, sedentas dele, apelam fortemente para o meu amor de padre e ajudam-me a sair de mim para os amar, dando-me. Sinto perfeitamente que sem o Calvário — a presença quoti-

diana de todos os que sofrem — seria mais egoísta e nunca teria crescido no amor, no amor puro que se dá sem esperar recompensa, que se entrega mesmo sem atractivo natural. O apelo destas vidas tem sido para mim escola do amor. Hoje sei o que é o amor puro: amar os mais desprezíveis, os mais nojentos, os que não sabem nem nunca podem recompensar-nos.

Eu preciso do Calvário. Muito.

Padre Baptista

«O largo da Capela de Paço de Sousa é a coisa mais bonita que a nossa Aldeia tem.» (PAI AMÉRICO)

Aqui está, para satisfazer a curiosidade dos nossos Leitores.

# A confiança

Do outro lado do fio uma voz aflita.

— Preciso de falar com o «China».

— Vou ver se consigo ligação. Houve algum problema?!

— O «China» entregava-me, todos os sábados, «O GAIATO» em casa. Mas, ultimamente, como aos sábados não está lá ninguém, deixa-os na caixa do correio! Ora eu quero fazer contas com ele. Veja lá; não demore! Falo do Porto...

Cartegámos o botão, para a carpintaria. O «China» responde e atende.

Gostaríamos de seguir o diálogo, para nos deliciarmos. De um lado, o escrúpulo amigo de uma Amiga; do outro, o cuidado do «China».

Lição para os embaixadores de «O GAIATO»!

O moço esclarece, depois, sumariamente:

— Era uma senhora minha freguesa. Ia lá todos os sábados entregar o jornal. Como, agora, não está lá ninguém, deixo-o na mesma. O chefe do Lar do Porto sabe. Ela já deve aí... uns quatro. E resolveu telefonar para fazer contas no próximo domingo.

«China» cumpriu o seu dever; sem dar fé, com certeza, da transcendência do acto. A senhora que o diga! E disse: — Quero fazer contas.

A confiança!

Júlio Mendes

# Uma carta

«Para o ano em curso aqui vai a nossa contribuição para «O Gaiato», que só tem o mérito da fidelidade... Leio sempre as notícias e comentários. Desta vez trazemos o coração um pouco magoado com as dores da Casa de Lourenço Marques. E dor daqui, dor d'acolá — é uma época de sofrimento... Talvez depois nasça o tal Portugal renovado, que parece estarmos dispostos a construir e alguns fazem mesmo por destruir. Mas eu acredito muito no sofrimento, para nos emendarmos e para pomos o pé onde se devia ter sempre posto...»



# Trabalho

Apareceu hoje pela primeira vez no nosso correio um selo de \$50 com PORTUGAL à banda e a legenda «AJUDE O PROGRESSO DA INDÚSTRIA NACIONAL» em linha curva. Feio é o selo e trouxe-me sugestões de humor negro.

Basta lembrar episódios do quotidiano. Aguardamos há talvez mais de seis meses umas simples canecas de inox para servir o leite e café matinal, com a esperança muitas vezes repetida de que «talvez no fim desta semana»... e nada. Dobramos a encomenda noutra casa — e o mesmo resultado. Na primeira contaram-me que tendo o compromisso de fornecer um Café a abrir dentro de dias, o fabricante lhes comunicara que nem por sombras entregaria o material na data necessária nem se atrevia a dizer quando. Ali mesmo também, que uma importante fábrica de porcelana, abordada por estabelecimentos hoteleiros aviventados pela expectativa de renovo do surto turístico, recusara igualmente o compromisso de entregas a tempo e horas.

Há talvez um ano, pensamos numa pá e forquilha carregadora para o nosso tractor; e não só porque as peças de origem são caríssimas, mas também porque nos seria grato ajudar a Indústria Nacional, a tentamos obter dela. De insistência em insistência viemos a saber há dias «a impossibilidade da sua fabricação imediata, por falta de material para o efeito». E mais: que «não nos foi possível ainda, obter uma previsão quanto à chegada do citado material, uma vez que o próprio fornecedor não está avalizado para fornecer tal informação». Restam-nos recorrer à indústria estrangeira (se é que há em stock a dita peça...), ou continuar a remover terras e a carregar estrumes à força e ao ritmo do braço.

A desfazer-se, a última carinha a gasolina que a Obra ainda possuía, esperámos tempos de não esperar, a vinda da diesel que a substituiria. Num dos últimos de inúmeros

contactos com o fornecedor, me confidenciou ele, à guisa de justificação: «Passei há dias pela linha de montagem. Aqui um trabalhador lia o jornal; acolá outros jogavam às cartas dentro de um carro em acabamento».

Que bom, que belo ajudar a Indústria Nacional! Mas como, se ela funciona às curvas como a legenda curvilínea do selo com PORTUGAL à banda?! «Por enquanto não é que falem compradores» — diziam-me noutra loja. «O mal é não ter que vender: Não há; não sei quando teremos... — é a palavra de ordem cada vez mais repetida».

Isto desde os alimentos ao simples tijolo, que andamos por aí mendigando aos pouquinhos com o dinheiro na mão!

Trabalho, trabalho, trabalho. Não vejo outra solução, nem se espere milagres. Não foi outro o «milagre» alemão nem o japonês depois de uma derrota que os deixou de rastos. Que seja à banda, como no selo, o ponto de partida da nossa restauração... Sempre é melhor do que de rastos! Mas o programa de salvação nacional a nenhures levará se não começar por aqui e não continuar por aqui: pôr a trabalhar este pobre País de trabalhadores.

Padre Carlos

# Aqui, Lisboa!

Num dos últimos domingos, um grupo de uma paróquia dos arredores de Lisboa veio passar o dia connosco.

Eram cerca de cinquenta pessoas. Quiseram sentir de perto a nossa vida e conhecer os nossos problemas... para descobrir formas de nos ajudarem.

Trouxeram o seu grupo coral que tornou mais viva a celebração Eucarística em que todos participaram. Junto do altar começou e daí partiu o convívio que a todos trouxe uma sã alegria.

Almoçaram no nosso refeitório, visitaram as oficinas sempre guiados pelos nossos rapazes. Pelas quatro da tarde juntámo-nos e conversámos... Fizeram perguntas que visavam o decorrer do nosso dia a dia. Houve ainda um jogo de futebol entre os da Casa e os visitantes e à despedida acompanhados pelas violas cantou-se em coro.

Chegou a hora da partida... Nesse dia muitos dos rapazes me diziam:

— Sr. P. e que dia tão bem passado!

— Hoje foi o melhor domingo! A mesma alegria senti no

rosto dos amigos que nos visitaram.

Todos devem tomar consciência de que na vida se deve dar e receber, e que a alegria se encontra nas coisas pequenas, na simplicidade do encontro entre as pessoas.

Essas visitas deveriam acontecer mais vezes; outras paró-

quias poderiam tomar a mesma iniciativa. Os cristãos devem conhecer as realidades da vida e na Casa do Gaiato encontram fortes razões para uma tomada de consciência, que será com certeza lenitivo, para que seja neles fortificado o amor pelos Outros.

X X X

Mais uma vez as alunas da Escola Josefa de Obidos vieram até cá num autocarro trazerem-nos o fruto das suas renúncias. A Juventude marcou mais uma vez a sua presença.

É preciso acreditar na Juventude, porque descer dela é ver negro o futuro, e o pessimismo é uma força destrutiva.

Padre Abel

## DOCTRINA

Cont. da PRIMEIRA pág.

permanecerá, à imagem de Deus, senhor e não vítima do seu destino. «Quem quer vir após Mim...!»

Tomar a Cruz, não é escolhê-la nem procurá-la. É aceitar a parte de Ela que o Senhor nos distribuir. Ele é Quem chama e Quem convida... «Se a boda e a baptizado, não vás sem ser convidado», como diz o nosso Povo — que admira que assim seja para o Banquete Eterno?! Ele chama, Ele convida. O Homem aceita e procura a veste nupcial, que irá «branqueando no sangue do Cordeiro» ao qual há-de

misturar o seu. Nunca a nossa parte na Cruz ultrapassará as nossas forças. Quanto de insensatez do Homem, senão mesmo uma mal entendida generosidade a que chamaria atrevimento, não estará em tanto acabrunhamento do discípulo que quer tomar para si mais do que lhe está reservado!

Sufrimento e angústia não diferem na ordem da intensidade. Na angústia há uma certa corrupção do sofrimento. O homem de Fé e de Esperança vive de certezas que jamais o deixarão finar por asfixia. Dilacerado, sim, pelos cravos que o prendem à Cruz, pela lança que irá trespassá-lo. Pressionado, mas não deprimido, que tal o não consentirá a força de Deus que lhe vem da sua comunhão com Cristo e os outros discípulos no levar da Cruz.

É esta força de Deus a transfigurar a fraqueza da nossa humanidade que S. Paulo afirma no Capítulo 4.º da 2.ª carta aos Coríntios:

« — Atribulados por tudo, não ficamos angustiados; perplexos, não nos demitimos; perseguidos, não somos abandonados; derrubados, mas não vencidos; levando sempre e por toda a parte no nosso corpo, os sofrimentos da morte de Jesus, para que a vida de Jesus se manifeste no nosso corpo. (...) Por isso não nos deixamos abater; ainda que o nosso homem exterior se destrua, o nosso homem interior renova-se dia a dia. Na verdade, as nossas leves tribulações do momento presente preparam-nos, além de toda e qualquer medida, um peso extraordinário de eterna glória. Por isso não consideremos as coisas visíveis, mas as invisíveis; pois as coisas visíveis são passageiras e as que não se vêem são eternas.»

Júlio Mendes

Padre Carlos

## Novos Assinantes de «O GAIATO»

Continuamos a receber novos Assinantes de «O GAIATO». Não é multidão, mas coluna dispersa de gente do Povo.

Muitos chegam sós. Outros, acompanhados por quem não vive em sua torre de marfim e salta para a rua, como Paulo de Tarso, a inquietar os homens de boa vontade. São muitos! E a maior parte deles não se cobe de dizer o como e o porquê da sua presença e compromisso. Revelam a ansia incontida de um Mundo Melhor, em que não haja escravos nem senhores, nem guerras; seja consoante a Boa Nova e cada um

de nós uma pedra viva da sua estrutura.

Viseu:

«Graças a Deus encontrei uma pessoa minha amiga que tendo lido o nosso «Famoso» se deixou cativar pela Doutrina de Cristo vivida e quer assinar o jornal. Tenho confiança no seu querer...»

Porto:

«Hoje, cinco de Março, uma data a não esquecer. Por isso aqui estou, como parte da multidão dos Amigos, a fazer um pedido.

Meu irmão casou há uns mesitos e mostrou desejo de receber «O GAIATO» em sua nova casa, pois se habituara à sua presença aqui.

Junto uma quantia bem modesta, na hora que passa, mas não vá o novo Assinante descuidar-se, pois como estudante de Medicina e professor e mais uma data de afazeres é bem fácil descurar alguns deveres.

Embora tenha pouco tempo para ler, creio que «O GAIATO» deixará sempre uma gota da sua Água Viva para ir alimentando a raiz da verdadeira Vida que existe em cada cristão, mas que o mundo teima em fazer secar.

Oxalá a mensagem que dele transborda seja aqui como a «água mole em pedra dura!...»

Lisboa:

«Há tanto tempo já que penso escrever-vos! Compro sempre o nosso jornal, quando o

encontro. Tenho por essa Obra a mais viva simpatia. Todo o bem que se possa fazer neste mundo só é válido através do amor de Deus. Peço para me inscreverem como assinante do nosso jornal...»

Há mais. Outras presenças dignas de citação. Ficamos por aqui, indicando só a proveniência dos novos Assinantes: S. João da Madeira, Aljubarrota, Valongo, Estarreja, Oeiras, Odiveelas, Pinhão — Chancelheiros, Cernache—Coimbra, Ermesinde, Sobral—Lourinhã, Aveiras de Cima, Elvas, S. Mamede de Infesta, Figueiró do Campo — Condeixa, V. N. Gaia, Viseu Coimbra, Viana do Castelo, Guarda, Pinhal Novo, Rio Tinto, Agualva-Cacém, Mira de Aire, Aveiro, Gondomar, Amadora, Porto e Lisboa uma grande procissão, Ferreira do Zezere, Albufeira, Damaia, Ilhavo, Caldas de Modelos e, por fim, Brasília.

## FESTAS

Cont. da PRIMEIRA pág.

- 29 de Abril — Teatro Avenida — Coimbra
- 1 » Maio — Salão dos Bombeiros — Miranda do Corvo
- 3 » » — Cine-Teatro — Tomar
- 6 » » — Coliseu — Porto
- 7 » » — Teatro Aveirense — Aveiro
- 10 » » — Teatro-Cine — Covilhã
- 11 » » — Cinema Gardunha — Fundão
- 12 » » — Cine-Teatro Avenida — Castelo Branco
- 30 » » — Monumental — Lisboa

Domingos



PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa  
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa